

AS VOZES SILENCIADAS: REVITALIZANDO NARRATIVAS ORAIS NA VILA DE COQUEIROS, MARAGOGIPE (BAHIA)¹

Ingrede Fabiane Bernardo da Conceição²

RESUMO

O estudo examina a revitalização de narrativas orais na Vila de Coqueiros, Maragogipe, destacando a importância dessas histórias para a perpetuação da identidade cultural e histórica local. O trabalho aposta em uma abordagem etnográfica participativa, onde a pesquisadora se integra ao cotidiano da comunidade para registrar as histórias dos moradores mais velhos. Os objetivos principais incluem não apenas a preservação e valorização dessas narrativas, mas também a integração das gerações mais jovens no processo, fortalecendo os laços culturais e sociais. Para atingir esses objetivos, a metodologia envolveu entrevistas qualitativas com idosos, focando na captura de histórias de vida, saberes tradicionais e eventos locais que marcaram a história da vila. A pesquisa não só documenta essas histórias através de meios escritos e visuais, como também busca incorporá-las ao currículo educacional local, ligando o passado e o presente da comunidade. Essa abordagem participativa mostrou-se eficaz, permitindo que jovens e velhos trabalhassem juntos para manter viva a rica tapeçaria cultural da Vila de Coqueiros, reforçando o reconhecimento formal da identidade quilombola e possibilitando o acesso a políticas públicas que valorizem o patrimônio e a justiça social.

Palavras-chave: tradição oral; Vila de Coqueiros (Maragogipe, BA) - história; identidade cultural.

ABSTRACT

This study examines the revitalization of oral narratives in the village of Coqueiros, Maragogipe, highlighting the importance of these stories for the perpetuation of local cultural and historical identity. The work employs a participatory ethnographic approach, where the researcher integrates into the daily life of the community to record the stories of the oldest residents. The main objectives include not only the preservation and appreciation of these narratives, but also the integration of younger generations in the process, strengthening cultural and social ties. To achieve these objectives, the methodology involved qualitative interviews with elderly people, focusing on capturing life stories, traditional knowledge, and local events that marked the history of the village. The research not only documents these stories through written and visual means, but also seeks to incorporate them into the local educational curriculum, linking the past and present of the community. This participatory approach proved effective, allowing young and old to work together to keep alive the rich cultural tapestry of the village of Coqueiros, reinforcing the formal recognition of Quilombola identity and enabling access to public policies that value heritage and social justice.

Keywords: oral tradition; Vila de Coqueiros (Maragogipe, BA) - history; cultural identity.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Jucélia Bispo dos Santos.

² Graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto inicia-se em um contexto singular, cuja força motriz é a oralidade rica e, até então, subestimada das gerações mais velhas. Maragogipe, situada no Recôncavo Baiano, é um município de valor histórico significativo e com uma localização estratégica a apenas 133 km de Salvador. Maragogipe, uma cidade no Recôncavo Sul da Bahia, é conhecida não apenas por sua localização geográfica estratégica, mas também por seu rico patrimônio cultural e histórico. Situada na microrregião de Santo Antônio de Jesus, Maragogipe compartilha suas fronteiras com municípios de grande relevância, como São Félix, Cachoeira, Jaguaripe, Nazaré, além de ter proximidade com a Baía de Todos os Santos. Essa localização privilegiada não apenas facilita o acesso a outras regiões importantes, mas também coloca a cidade como uma peça central no mosaico cultural do Recôncavo Baiano.

Fundada em um ambiente de grande efervescência cultural e econômica, Maragogipe traz na sua arquitetura colonial marcas profundas do período áureo do ciclo do açúcar e do tabaco na Bahia. As ruas estreitas e o casario antigo narram histórias de um tempo em que a cidade era um ponto fulcral no comércio e na cultura da região. A herança africana, europeia e indígena se funde de maneira única, manifestando-se em tradições como o famoso carnaval de Maragogipe, que atrai visitantes de todas as partes do Brasil. Além disso, a cidade é privilegiada por uma rica biodiversidade, com seus manguezais, rios e a proximidade com o mar, proporcionando paisagens naturais de tirar o fôlego. A economia local, embora ainda mantenha traços da agricultura tradicional, tem se diversificado, com um crescente foco no turismo sustentável. As belezas naturais e os eventos culturais são alavancas fundamentais para o desenvolvimento dessa indústria, que busca consolidar Maragogipe como um destino turístico de destaque no estado da Bahia. Maragogipe não é apenas uma cidade marcada por sua posição geográfica no Recôncavo Sul da Bahia, mas um local onde história, cultura e natureza se encontram, oferecendo aos seus visitantes uma experiência única e rica em diversidade (IBGE, 2022).

A história de Maragogipe remonta ao período colonial do Brasil, destacando-se no contexto das sesmarias, grandes extensões de terras doadas pela Coroa Portuguesa para exploração agrícola e criação de gado. Inicialmente um pequeno povoado, a região ganhou destaque com o estabelecimento de uma capela em 1640, dedicada a São Bartolomeu, que eventualmente se tornou a freguesia de São Bartolomeu de Maragogipe.

Ao longo do tempo, o distrito foi promovido à vila em 1725, e então, em 1850, passou à condição de cidade. O território que mais tarde seria reconhecido como a freguesia e depois vila de Maragogipe fazia parte da sesmária do Parauaçu. Esta sesmária foi entregue a D. Álvaro da Costa, filho de D. Duarte da Costa, o segundo governador-geral do Brasil, como reconhecimento por seus esforços militares nas frequentes campanhas contra as populações indígenas da época (Pinho, 1982).

A doação destas terras reflete uma prática comum do período colonial: a concessão de terras como forma de premiar e motivar a exploração e o controle do território por parte da Coroa. No caso do Recôncavo Baiano, uma região de grande interesse econômico e estratégico devido à sua localização, o domínio do território foi marcado por conflitos e disputas com as populações indígenas locais, que habitavam os vales dos rios Paraguaçu e Jaguaripe. D. Álvaro da Costa, portanto, representava tanto o poder militar quanto a autoridade administrativa, garantindo a ocupação e a exploração das terras recém-doadas. Esta dinâmica de expulsão dos indígenas para a consolidação de grandes propriedades rurais foi comum em várias partes do Brasil, como se evidenciou também na história de Mem de Sá em Sergipe do Conde. Esse processo não apenas marcou a formação das estruturas agrárias, mas também moldou a relação entre colonizadores e os povos nativos, frequentemente pautada pela violência e pela repressão (Pinho, 1982).

Apesar de ser a menor vila em termos de tamanho e população no Recôncavo colonial setecentista, Maragogipe desempenhava um papel significativo na região. A presença de apenas duas freguesias, São Bartholomeu e São Felipe, indicava uma comunidade relativamente compacta, mas bem organizada. Maragogipe possuía a menor quantidade de fogos e habitantes em confissão, mas ainda assim mantinha uma contribuição notável em termos de militares enviados para a Guarnição de Tropas da Bahia. Esse fato, em comparação com a vila de Jaguaripe, destaca a possível maior capacidade ou disposição organizacional de Maragogipe em participar de atividades defensivas, apesar de sua população ser semelhante. Essa contribuição militar pode refletir a importância estratégica que a vila poderia ter na defesa da região, além de sugerir que, embora pequena, Maragogipe mantinha uma coesão social e um sentido de dever cívico notável para suas dimensões.

Na primeira metade do século XX, Maragogipe passou por uma série de transformações significativas que redefiniram sua identidade e paisagem urbana. A instalação da fábrica de charutos Suerdieck foi um marco nesse processo, trazendo consigo mudanças que simbolizavam a chegada da modernidade a essa cidade colonial. A escolha de Maragogipe para expandir seus negócios não foi por acaso. A cidade era um importante polo de produção de fumo

na Bahia, o que proporcionava fácil acesso à matéria-prima essencial para a fabricação de charutos. Além disso, a localização estratégica facilitava o escoamento do produto para mercados nacionais e internacionais (Nardi, 1997).

A fábrica de August Suerdieck, mesmo começando com instalações modestas e um número reduzido de operários, rapidamente começou a prosperar. Sua experiência prévia na supervisão do enfardamento de fumo e seu conhecimento do mercado de exportação deram-lhe uma vantagem significativa. A fábrica entendia a importância da qualidade do produto e investia na seleção cuidadosa do fumo, assegurando que apenas os melhores lotes fossem utilizados na sua produção. Sua expertise no mercado de exportação e no processo de enfardamento de fumo possibilitou a criação de um produto de alta qualidade desde o início. Além disso, Suerdieck identificou a importância de ter uma linha de produção eficiente e operários bem treinados, o que resultou em um aumento na produtividade e na satisfação dos clientes. Seu enfoque no aprimoramento contínuo do produto e na inovação também contribuiu para fortalecer a reputação da marca e expandir sua presença no mercado. Assim, a fábrica não apenas sobreviveu nos anos iniciais, mas também estabeleceu uma base sólida para um crescimento sustentável a longo prazo (Pedrão, 1998).

Com o passar dos anos, a fábrica se modernizou e expandiu, adotando novas técnicas de produção e atraindo mais trabalhadores. Este crescimento foi acompanhado pelo aumento da reputação dos charutos Suerdieck, que ganharam prestígio tanto localmente quanto em mercados internacionais. A dedicação de Suerdieck à qualidade e à inovação garantiu que sua fábrica se tornasse um símbolo de excelência na produção de charutos no Brasil. A trajetória de August Suerdieck é um exemplo clássico de empreendedorismo de sucesso, destacando a importância de visão, trabalho árduo e adaptação às condições do mercado. Sua fábrica não apenas contribuiu para a economia local, mas também ajudou a estabelecer a região como um centro importante na indústria de charutos (Nardi, 1997).

A presença da fábrica não apenas impulsionou a economia local, mas também desencadeou um processo de urbanização e reformas urbanísticas que visavam modernizar e civilizar a cidade sob uma nova ótica. Esse período de transformação foi caracterizado por um discurso modernizador que, apesar de progressista em sua visão de modernidade, não foi completamente inclusivo ou democrático. As reformas urbanas muitas vezes desconsideravam as tradições e características locais, impondo uma nova forma que refletia mais os ideais externos de progresso do que as necessidades dos habitantes (Nardi, 1997).

A Primeira Guerra Mundial trouxe desafios significativos para muitas indústrias ao redor do mundo, e as fábricas de charutos da Suerdieck não foram exceção. A dificuldade em

adquirir fumo importado e a perda do mercado alemão impactaram severamente nos negócios. Com a guerra afetando a logística e o comércio internacional, a empresa sofreu uma retração notável em suas atividades. A dependência do fumo Sumatra também se fez sentir, uma vez que as dificuldades de exportação forçaram a paralisação temporária das operações em 1917 (Pedrão, 1998).

No entanto, com o cessar das hostilidades e a normalização das importações, a Suerdieck experimentou uma recuperação e até uma fase de expansão durante o período entre guerras. A crescente demanda internacional por charutos impulsionou sua produção, permitindo à empresa não apenas um retorno ao ritmo de negócios anterior, mas também um crescimento considerável. Este período de prosperidade foi crucial para estabelecê-la como um player importante no mercado internacional de charutos, com a capacidade de superar adversidades e se adaptar a novas realidades econômicas. A expansão não se limitou apenas às suas instalações em Maragogipe, mas também se estendeu a outros locais, refletindo a nova era de prosperidade que se seguiu ao fim do conflito (Pedrão, 1998).

No cenário político, a presença dos interventores durante esses anos influenciava as decisões e orientações do desenvolvimento local. A modernização promovida não era apenas uma questão de infraestrutura, mas também de controle social e político, refletindo as tensões e desafios de se adaptar uma identidade local às demandas de um novo século. Apesar das perspectivas de progresso, essa modernização foi permeada por desafios e resistências, enquanto Maragogipe tentava manter um equilíbrio entre sua herança histórica e as pressões para se reinventar.

O território atual de Maragogipe tem uma incrível diversidade natural, o que lhe confere um grande potencial para o turismo ecológico e atividades aquáticas, atraindo visitantes em busca de beleza natural e aventura. Economicamente, Maragogipe ainda é fortemente dependente do setor primário, com a agropecuária e a pesca sendo fundamentais para sua sustentação. A agricultura, muitas vezes ligada a grandes propriedades rurais, influencia diretamente a dinâmica comercial local. No entanto, o fechamento de indústrias no século 20, como a fábrica Suerdieck no início dos anos 90, enfraqueceu a economia local (Nardi, 1997).

Maragogipe, atualmente, é constituído por uma sede municipal e distritos como Guaiá, Guapira, Nagé, Coqueiros e São Roque do Paraguaçu, este último situado a 34 km da sede municipal. A economia regional é fortemente ancorada na agricultura, favorecida pela fertilidade do solo. No passado, o cultivo de cana-de-açúcar destacava-se como principal produto colonial, enquanto o fumo era trocado por escravos, desempenhando um papel econômico significativo. A população também se dedicava à mandioca e à pesca de subsistência

como parte essencial de sua dieta. Esse município que mantém suas raízes no setor primário, destaca-se principalmente pela agropecuária e pesca, atividades que se sustentam como pilares econômicos locais. Além disso, o comércio local é movido por produtos essenciais, garantindo o atendimento das necessidades diárias da população. No setor secundário, a presença é marcada principalmente por pequenas indústrias alimentícias, como panificadoras, e pela produção rudimentar de cerâmica, predominantemente no distrito de Coqueiros (IBGE, 2022).

Percorrer o passado de Maragogipe e da Vila de Coqueiros nos revela não apenas a importância das narrativas orais, mas também o papel central que essas histórias desempenham na preservação do patrimônio imaterial e na coesão social. A pesquisa se detém nas experiências e memórias dos mais velhos, que, como guardiões de saberes, nos conduzem através das transformações econômicas, sociais e culturais que moldaram sua história. Este texto se debruça sobre as iniciativas comunitárias e metodologias participativas que buscam integrar as tradições orais ao cotidiano dos jovens, promovendo uma conexão intergeracional necessária para a sustentabilidade cultural. Enfrentamos desafios significativos como a modernização e o desinteresse crescente, no entanto, propomos estratégias para assegurar que as histórias locais continuem a inspirar e orientar. Através de tais iniciativas, não apenas empoderamos nossos anciãos e reafirmamos seu papel vital, mas também asseguramos que suas vozes continuem a ressoar, incontestáveis, através do tempo e das gerações futuras.

2 APROXIMAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Sou Ingrid Fabiane Bernardo da Conceição, nascida em 9 de abril de 1991, na cidade de São Félix, Bahia. Sou mãe de dois filhos, Luane e Joaquim, filha de Fátima Luiz Bernardo e Benedito Borges da Conceição Filho. Venho de uma família tradicional de lavradores e trabalhadoras domésticas. Meu pai nasceu e cresceu na roça, e minha mãe, também nascida na zona rural, migrou para a cidade ainda jovem para trabalhar como doméstica, retornando posteriormente às suas origens, onde construiu a nossa família e é aí que a minha história começa.

Desde a infância, convivo com a comunidade de Vila Coqueiros, um lugar que carrego com muito afeto e significado. É nesse território que aprendi, desde pequena, a importância dos saberes passados de geração em geração. Lembro das histórias contadas pelos mais velhos, dos ensinamentos sobre a lida com a terra, sobre como lavar roupas no rio, cortar lenha no mato, limpar peixe e sobreviver com dignidade em comunidade.

Essa convivência despertou em mim a importância de valorizar a memória dos mais velhos, de ouvir e registrar o que nunca foi escrito sobre a origem da Vila Coqueiros. Através dessa pesquisa, quero contribuir para o resgate da memória coletiva da comunidade, evidenciando a ancestralidade indígena existente na região, e que foi sendo apagada ao longo do tempo com a ocupação colonial em Maragogipe, que provocou disputas de terra e o consequente deslocamento desses povos.

Minha trajetória escolar foi marcada por muitos desafios. Na infância, cresci em meio a dificuldades econômicas, ausência de creches, e precisei acompanhar meus pais no trabalho. Fui vítima de violência simbólica e emocional na escola, com perseguições, bullying, exclusão e abusos. Por muito tempo, minha voz foi silenciada, e isso afetou profundamente meu processo de aprendizagem, minha autoestima e meu comportamento. A falta de apoio institucional e familiar me levou a agir com revolta, numa tentativa de me defender.

A primeira vez que fui ouvida foi quando a Secretaria de Educação me acolheu e me transferiu de escola, momento que marcou uma virada em minha vida. Foi nessa nova escola que percebi o quanto ainda precisava aprender a ler e escrever, e iniciei um caminho de superação. Concluí o ensino fundamental e o ensino médio, mesmo diante de tantos obstáculos, incluindo a necessidade de trabalhar desde muito cedo.

Aos 15 anos, me casei e, aos 20, tive minha filha. Durante muito tempo, minha vida se resumiu ao trabalho, tentando sobreviver. Passei por dificuldades espirituais e emocionais, mas encontrei acolhimento no Axé, onde fui orientada, cuidada e fortalecida. Foi através da minha irmã de Axé, Aparecida, que conheci o edital da Unilab e fui incentivada a me inscrever. Entrei na universidade com o apoio da minha comunidade, mesmo enfrentando o desemprego, os cuidados com dois filhos e a falta de recursos financeiros. Com fé e resiliência, segui firme, vendendo frutas e verduras para pagar meu transporte, sustentada por minha força interior, pela Bolsa Família, e pelo amor aos meus filhos e à minha história.

Essa pesquisa nasce desse contexto, da vivência real e enraizada em minha comunidade. Quero contar a história de Vila Coqueiros sob a perspectiva de quem vive o território, de quem escuta os mais velhos e reconhece o valor de suas memórias. Quero registrar, com dignidade, a presença indígena e os processos históricos que moldaram esse lugar antes da fundação oficial do Estado. Escrever essa história é dar voz a quem foi silenciado, é reafirmar minha identidade, e é também um ato de justiça com minha trajetória e com minha comunidade. Sodré (1998) argumenta que a história oficial tende a seduzir o senso comum para aceitar versões parciais dos fatos, o que impede o reconhecimento das múltiplas verdades dos grupos marginalizados.

Este estudo, iniciado em novembro de 2023 na Vila de Coqueiros, no Distrito de Maragogipe, destaca a importância das histórias não registradas para o tecido cultural da região. O artigo enfatiza o papel essencial das narrativas orais na preservação da memória histórica e cultural da comunidade. Na Vila de Coqueiros, tradições e conhecimentos ancestrais são passados de geração em geração por meio dessas histórias, contadas por anciãos que atuam como guardiões da herança local. Essas narrativas possuem um valor incalculável, pois mantêm as tradições vivas e reforçam o senso de identidade e pertencimento comunitário. No entanto, com o tempo, essas histórias enfrentam o risco de desaparecimento, já que as gerações mais jovens frequentemente optam por meios de comunicação modernos, afastando-se das práticas culturais tradicionais.

Nascimento (2018) ressalta que o intelectual quilombola não apenas produz conhecimento acadêmico, mas também é um agente ativo na defesa dos direitos de sua comunidade e na valorização da cultura negra.

O objetivo da recuperação dessas narrativas coletivas é dar voz aos saberes ancestrais que resistiram ao tempo em silêncio. As visitas aos anciões foram conduzidas de forma presencial, proporcionando uma experiência social única e íntima, moldada pelas relações criadas com os narradores. Esse método personalizado possibilitou o acesso a conhecimentos históricos que ainda não haviam sido documentados formalmente.

As conversas se concentraram em revelar memórias valiosas para a comunidade e para estudiosos de história oral e micro-histórias. Este relatório não serve apenas como um registro acadêmico; ele também pode ser fundamental na criação da AQUICAMPESC (Associação dos Quilombolas, Candomblecistas, Renascentes, Marisqueiras, Pescadores, Agricultores e Ceramistas da Comunidade de Coqueiros). No futuro, esse rico acervo de conhecimento poderá ser essencial para o reconhecimento formal da identidade quilombola da comunidade, validando não apenas seu título simbólico, mas também sua contínua resistência e riqueza cultural.

Ao consolidar essa documentação, a comunidade pode expressar de forma mais clara suas demandas e direitos, promovendo o reconhecimento de suas tradições e modos de vida. Isso não só contribui para a valorização cultural, mas também pode facilitar o acesso a políticas públicas e apoio institucional, fortalecendo a sustentabilidade e o desenvolvimento local. Assim, este relatório não serve apenas como registro histórico, mas também como uma ferramenta dinâmica para garantir um futuro de dignidade e reconhecimento para essas comunidades.

Esta pesquisa se dedicou a registrar, digitalizar e revitalizar vozes silenciadas, tornando o conhecimento dos anciãos mais acessível e valorizado para quem está dentro e fora da

comunidade. Foram realizadas entrevistas profundas e interativas com os moradores mais velhos, nas quais eles compartilharam relatos pessoais sobre a vida cotidiana, festas tradicionais, lendas locais e eventos históricos que marcaram a trajetória da Vila de Coqueiros. O trabalho destaca a importância da educação e conscientização dentro da comunidade para que as futuras gerações reconheçam e apreciem essa herança cultural. Para isso, escolas locais foram envolvidas e projetos intergeracionais foram promovidos, visando integrar essas histórias ao ensino formal e enriquecer o currículo com conteúdo culturalmente relevante.

O interesse pelo tema nasceu da vivência e envolvimento com a comunidade de Coqueiros, onde as histórias contadas pelos mais velhos são um verdadeiro tesouro cultural. Nesse ambiente, as histórias narradas pelos mais velhos se destacam como um verdadeiro tesouro cultural. Cada conto e memória compartilhada não só enriquece o conhecimento histórico e social dessa comunidade, mas também fortalece os laços entre as gerações, criando um senso de identidade e pertencimento. A autora se aproxima do objeto de pesquisa com um envolvimento genuíno e íntimo com a comunidade local. A investigação nasce da convivência da autora com os moradores de Coqueiros e seu desejo de destacar as histórias não contadas das mulheres, que são verdadeiras guardiãs das tradições e culturas da vila. A autora utiliza uma abordagem etnográfica participativa, integrando-se às práticas cotidianas e estabelecendo uma relação de confiança com os narradores, o que permite capturar a autenticidade e profundidade de suas histórias.

Ao longo desta pesquisa, são reveladas as camadas ricas de narrativas que os moradores da vila compartilham. Eles falam sobre a evolução de Coqueiros ao longo dos anos, destacando como a comunidade se desenvolveu ao redor das atividades econômicas tradicionais, como a pesca, a agricultura, e a famosa fabricação de cerâmica. Os entrevistados refletem sobre o impacto social e cultural das tradições preservadas na vila, discutindo como os conhecimentos artesanais e os saberes passados de geração em geração não apenas sustentam a economia local, mas também fortalecem a identidade coletiva.

As narrativas orais revelam detalhes sobre a história dos eventos locais, festividades e mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos. Os moradores de Coqueiros, através de suas histórias, delineiam um panorama de resistência e adaptação, ao mesmo tempo em que revelam a riqueza das lendas e tradições passadas oralmente. Elas também discutem o impacto do modernismo e das forças externas sobre as práticas culturais locais, refletindo sobre a importância de preservar essas tradições para as gerações futuras. Além disso, falam sobre as transformações sociais que ocorreram com a introdução de novos meios de comunicação e como isso afetou as relações dentro da comunidade. Ao ressaltar a importância de tais histórias,

a autora enfatiza que a preservação dessas narrativas é essencial para fortalecer o tecido social da vila e garantir que a rica tapeçaria cultural de Coqueiros continue a florescer.

Assim, o estudo transcende o simples registro acadêmico. Ele se transforma em um catalisador para o reconhecimento formal da identidade quilombola da comunidade, servindo como um recurso valioso que pode articular melhor as demandas e direitos da comunidade. Ao registrar essas vozes silenciadas, a autora não só celebra o passado, mas também inspira o futuro, assegurando que as narrativas de Coqueiros sejam uma fonte de orgulho e identidade para seus habitantes, respeitando sua rica diversidade cultural. Ao final, o trabalho da autora não só ilumina as vozes dos moradores de Coqueiros, mas também destaca a importância de tais narrativas na construção e manutenção da coesão social, empoderando cada narradora ao reafirmar seu papel no contínuo da riqueza cultural da vila.

É fascinante observar como essas narrativas orais preservam costumes, crenças e tradições que muitas vezes escapam aos registros formais. Estar imerso nesse contexto proporciona uma oportunidade única de captar a essência dessa rica herança cultural e entender a importância de sua preservação e transmissão para as futuras gerações. Além disso, esse interesse é alimentado pelo desejo de dar voz a essas histórias, garantindo que continuem a inspirar e ensinar dentro e fora da comunidade.

3 PROBLEMÁTICA E METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como problemática central a crescente negligência e eventual desaparecimento das tradições orais e histórias de vida mantidas pelos idosos da Vila de Coqueiros. A modernização e o desinteresse crescente da juventude pelas tradições ancestrais emergem como desafios críticos, resultando na perda gradual de um rico patrimônio cultural e histórico. As narrativas orais, que são fundamentais para a identidade coletiva e a coesão social da comunidade, estão em risco diante das forças da globalização e da urbanização que distanciam as novas gerações de suas raízes. A pesquisa adota como método principal a etnografia participativa, integrando a pesquisadora ao cotidiano da comunidade. Como as técnicas, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observações e registros em diário de campo.

A Vila de Coqueiros, oficialmente denominada Coqueiro do Paraguaçu, possui uma história rica que, infelizmente, tem sofrido com a falta de registros formais. Isso resulta na perda de narrativas fundamentais, que são frequentemente esquecidas ou distorcidas com o passar do

tempo. A história da Vila de Coqueiros é um testemunho vivo das influências culturais e econômicas que moldaram a região ao longo dos séculos. Estabelecida em uma área estratégica perto do rio Paraguaçu, a vila tornou-se um ponto de encontro para comerciantes, viajantes e, mais tarde, imigrantes que buscavam novas oportunidades. Essa convergência de culturas ajudou a definir a identidade local, evidenciada nas tradições e na arquitetura histórica que ainda se percebe na vila.

Entretanto, a ausência de registros formais representa um desafio significativo para historiadores e moradores locais interessados em preservar essas memórias. Sem documentação adequada, os detalhes das interações entre diferentes comunidades, suas práticas culturais e eventos marcantes correm o risco de se perderem. Isso não apenas dificulta a recuperação do passado, mas também enfraquece o senso coletivo de identidade comunitária. Tradicionalmente, a cultura oral tem desempenhado um papel crucial na transmissão da história em Coqueiro do Paraguaçu. Os relatos passados de geração em geração em conversas familiares e celebrações comunitárias são vitais. No entanto, a imprecisão inerente às narrativas orais pode levar a distorções ao longo do tempo, reforçando a necessidade de uma documentação mais formal. A modernização e globalização representam desafios adicionais, uma vez que as novas gerações podem se desconectar desses relatos tradicionais. A introdução de tecnologias e mudanças nos estilos de vida também contribuem para a diluição das práticas culturais locais.

A pesquisa busca responder à questão de como revitalizar e valorizar essas narrativas orais, garantindo sua continuidade e integrando-as ao cotidiano dos jovens da comunidade. Outra dimensão crucial da problemática é compreender de que maneira a documentação e a promoção dessas histórias podem fortalecer tanto a identidade cultural local quanto a coesão intergeracional em Coqueiros.

Para abordar essas questões, a pesquisa adota uma metodologia participativa centrada na colaboração entre diferentes gerações da comunidade. O método principal utilizado é a entrevista qualitativa com os habitantes mais velhos, visando capturar suas histórias de vida, saberes tradicionais e visões de mundo. Estas entrevistas são realizadas em ambiente familiar e acolhedor, propício para o compartilhamento sincero e aprofundado de memórias. Além das entrevistas orais, a pesquisa emprega um método de documentação visual e escrita das histórias recolhidas, com o intuito de criar arquivos permanentes que possam ser utilizados por educadores e líderes comunitários. Esses arquivos são destinados a formar a base para iniciativas educacionais que integrem essas histórias ao currículo escolar local.

Além disso, o estudo utiliza a abordagem etnográfica participativa, incentivando a integração do pesquisador à vida cotidiana dos habitantes da vila, promovendo a construção de

confiança entre os participantes e o pesquisador. Projetos intergeracionais são elaborados para integrar jovens da vila no processo de documentação das narrativas, destacando a importância de reconhecer e respeitar as histórias de seus antepassados. Estas iniciativas não apenas promovem a transmissão de conhecimento, mas também desempenham um papel crucial no reforço das ligações entre gerações.

A documentação das histórias pessoais não só preserva o passado, mas também fortalece a identidade cultural e emocional de uma comunidade. Essa prática contribui para a valorização de diferentes perspectivas e experiências, possibilitando um entendimento mais amplo e inclusivo da história coletiva. Dessa forma, o trabalho do pesquisador não serve apenas para registrar fatos históricos, mas também para tecer laços sociais e afetivos entre os membros da comunidade e seu passado. É um processo que resgata memórias e tradições, nutrindo um senso de pertencimento e continuidade que é fundamental para a coesão social e a valorização do patrimônio imaterial.

Na discussão teórica sobre a preservação das tradições orais e histórias de vida dos idosos da Vila de Coqueiros, é essencial considerar diversos conceitos e autores que fornecem um arcabouço para compreender e enfrentar a problemática da perda cultural. Um ponto central neste debate é a teoria da modernização, que aponta para a transição das sociedades tradicionais para sociedades modernas e urbanizadas, um processo que pode levar à erosão de práticas culturais ancestrais. Tal como argumentam teóricos como Anthony Giddens (1999), a modernização frequentemente resulta em um afastamento das tradições comunitárias à medida que as sociedades adotam estilos de vida mais urbanos e globalizados.

A globalização, conforme discorre Zygmunt Bauman (1999), introduz uma "liquidez" nas culturas, promovendo a substituição de tradições locais por valores e narrativas mais universais e homogêneos. Isso cria desafios para a identidade cultural, uma questão amplamente explorada por Stuart Hall (2006), que fala sobre a fluidez identitária e a importância de discursos locais na definição de quem somos. Hall (2006) sugere que a preservação das narrativas locais é crucial para a manutenção de uma identidade cultural diferenciada. A preservação das narrativas locais desempenha um papel fundamental na manutenção de identidades culturais distintas. As histórias, tradições e mitos que constituem essas narrativas são os alicerces sobre os quais comunidades constroem suas identidades e compartilham um senso de pertencimento. Ao proteger essas histórias locais, garantimos que as gerações futuras tenham acesso a um rico legado cultural que reflete suas origens, valores e perspectivas únicas. Além disso, em um mundo cada vez mais globalizado, a valorização dessas narrativas contribui para a diversidade cultural, promovendo o respeito e a compreensão entre diferentes culturas.

Preservar essas histórias é, portanto, essencial não apenas para a identidade individual de uma cultura, mas também para o enriquecimento do patrimônio cultural global.

Paul Ricoeur (2007), um teórico da memória e tradição, destaca a importância das narrativas como instrumentos de transmissão histórica e coletiva. Segundo ele, a narração é um meio pelo qual os indivíduos e as comunidades fazem sentido de suas experiências e constroem uma continuidade temporal. Entretanto, a natureza oral dessas narrativas pode levar a distorções se não for documentada, algo que Pierre Nora (1993) também aponta em sua discussão sobre os "lugares de memória". Nora (1993) argumenta que os registros formais são cruciais para a preservação da memória coletiva em face de mudanças sociais rápidas.

No entanto, a natureza oral das narrativas pode, de fato, sofrer distorções se não forem documentadas, uma questão que ressoa com a reflexão de Pierre Nora sobre os "lugares de memória". Nora (1993) sugere que a formalização dos registros é essencial para garantir a preservação da memória coletiva, especialmente em tempos de rápidas mudanças sociais. A oralidade, embora rica em tradição e cultura, corre o risco de perder nuances e detalhes à medida que as histórias são transmitidas de geração em geração. Portanto, a documentação serve como uma âncora, oferecendo uma versão mais estável e acessível dessas narrativas para futuras gerações. Isso se torna ainda mais importante em um mundo onde transformações sociais e tecnológicas podem facilmente apagar tradições não registradas. Assim, os registros formais atuam como um contrapeso necessário, assegurando que a essência cultural e histórica de uma comunidade permaneça intacta ao longo do tempo.

A metodologia proposta na pesquisa inclui a abordagem participativa e a etnografia, que são eficazes para envolver a comunidade e garantir a autenticidade e riqueza das narrativas coletadas. Clifford Geertz (2004) reforça a importância da abordagem etnográfica interpretativa, que busca entender os significados culturais sob a perspectiva dos moradores locais. Essa prática assegura que as vozes dos anciãos e suas histórias sejam respeitadas em seu contexto original. Integrando jovens ao processo de documentação das histórias, é possível fortalecer os laços comunitários e promover um senso de continuidade e pertencimento.

Em suma, a pesquisa sobre a preservação das tradições orais na Vila de Coqueiros navega por um terreno teórico complexo, onde as forças da modernização, globalização e a identidade cultural desempenham papéis interconectados. Através de uma abordagem que valoriza a colaboração comunitária, documentação formal e respeito pelas vivências dos mais velhos, busca-se não apenas a preservação da memória coletiva, mas também o fortalecimento das relações sociais e identitárias dentro da vila.

4 VILA DE COQUEIRO, MARAGOGIPE

Em 2022, o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou sua população em 42.815 habitantes. Essa estimativa oferece um retrato da cidade durante aquele período, servindo como ponto de partida para análises demográficas e planejamentos urbanos e sociais. Além de sua população, Maragogipe é conhecida por suas tradições culturais, especialmente suas festas e eventos folclóricos que atraem turistas e estudiosos. A dinâmica populacional ao longo dos anos pode ser influenciada por diversos fatores, incluindo migração, taxas de natalidade e mortalidade. Analisar essas mudanças é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas que atendam às necessidades da população local (IBGE, 2022).

Coqueiros, localizado no município de Maragogipe, é um povoado encantador na Baía do Iguape, próximo ao Rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, a 130 km de Salvador. Estabelecido em 13 de agosto de 1926, graças à lei estadual nº 1922, o local é um exemplo de comunidade que preserva suas tradições. A economia local é sustentada principalmente pela pesca e pela produção de cerâmica. As panelas de barro de Coqueiros são especialmente renomadas, fruto de um artesanato que envolveu gerações, contando com o talento e a dedicação, sobretudo, das mulheres do povoado. Essa prática artesanal, com cerca de 80 anos de história, não é apenas uma fonte de renda, mas também uma expressão cultural rica e viva, que fortalece a identidade local e mantém viva a herança cultural da região (IBGE, 2022).

De acordo com dados coletados pela Unidade de Estratégia Saúde da Família, a comunidade conta com uma população de 2.502 habitantes. A situação econômica da região revela que 44% das famílias entrevistadas vivem com uma renda que varia de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, enquanto 27% têm uma renda de até $\frac{1}{2}$ salário. A economia local é predominantemente sustentada por atividades tradicionais: 32% dos moradores dependem da pesca e mariscagem, atividades ligadas diretamente ao Rio Paraguaçu, enquanto 27% estão envolvidos na produção de cerâmica utilitária. Esta diversidade de ocupações reflete a adaptação da comunidade aos recursos naturais disponíveis e suas tradições culturais³.

A economia local se apoia principalmente em atividades tradicionais, como pesca e mariscagem no Rio Paraguaçu. Essas atividades não apenas fornecem sustento, mas também são partes integrantes da identidade cultural da comunidade. Simultaneamente, a produção de cerâmica utilitária atrai 27% dos moradores, demonstrando habilidade e conhecimento passados de geração em geração e servindo como uma fonte adicional de renda. Essa combinação de

³ Prefeitura Municipal de Maragogipe. Secretária de Desenvolvimento Social. Cadastro do Bolsa Família, 2024.

atividades econômicas reflete a capacidade da comunidade de adaptar-se aos recursos disponíveis, preservando as tradições e reforçando laços culturais. No entanto, enfrentam-se desafios relacionados à sustentabilidade e à melhoria das condições de vida, exigindo planejamento estratégico para valorizar os recursos locais e ampliar oportunidades econômicas. Esse cenário evidencia a importância de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável, cultura e educação, buscando garantir um futuro mais próspero e inclusivo para todos os moradores.

A análise dos dados sobre o distrito de Coqueiro, em Maragogipe, revela uma comunidade que se destaca pela sua conexão íntima com o ambiente natural e suas tradições culturais. Localizado nas margens do Rio Paraguaçu, Coqueiro apresenta uma situação econômica desafiadora, com uma significativa parcela da população vivendo perto ou abaixo da linha de pobreza. A economia local é baseada principalmente em atividades de subsistência, com poucos investimentos externos. Essa realidade econômica impulsiona a migração de jovens em busca de melhores oportunidades nas cidades maiores, o que, por sua vez, influencia a demografia local e diminui o potencial de renovação cultural e econômica de Coqueiro. Apesar dessas dificuldades, a comunidade possui um forte senso de coletividade, que se reflete em iniciativas locais para melhorar a qualidade de vida, como projetos de conservação ambiental e valorização do artesanato.

A proximidade de Coqueiro de Nagé e Cachoeira cria um intercâmbio dinâmico de produtos e conhecimentos. Este fluxo não apenas beneficia a economia local, mas também enriquece as práticas culturais e sociais da região, contribuindo para uma identidade comum e fortalecendo laços comunitários. Coqueiro representa uma síntese do modo de vida tradicional do Recôncavo Baiano, onde a sobrevivência econômica está entrelaçada com a cultural e a identidade local. Este equilíbrio entre tradição e adaptação é essencial para a resiliência da comunidade face às dificuldades econômicas. Portanto, Coqueiro se destaca como um exemplo de como comunidades rurais podem prosperar mantendo suas raízes culturais enquanto se adaptam a um mundo em transformação.

Coqueiro, um pequeno distrito em Maragogipe, exemplifica de forma clara como as comunidades rurais podem manter suas tradições culturais enquanto enfrentam desafios econômicos contemporâneos. A rica herança cultural, apoiada por tradições como a pesca e a produção artesanal de cerâmica, fortalece o senso de identidade e comunidade do local. No entanto, as dificuldades econômicas, marcadas por uma significativa parte da população vivendo próximo à linha de pobreza, evidenciam a necessidade de políticas públicas eficazes. Investimentos direcionados para a sustentabilidade e a ampliação de oportunidades econômicas

são essenciais para o futuro da região. Coqueiro, com sua forte coesão social, demonstra resiliência, equilibrando seus costumes tradicionais com a adaptação às novas realidades. Ao valorizar suas tradições e buscar soluções inovadoras, a comunidade se projeta como um modelo vibrante para o desenvolvimento rural sustentável e inclusivo.

5 COQUEIROS: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA E SOCIEDADE

A história de Coqueiros está intimamente ligada ao desenvolvimento de Maragogipe, cidade que nasceu às margens do Rio Paraguaçu, um dos mais importantes da Bahia. Essa região se desenvolveu inicialmente a partir da agropecuária e do comércio fluvial, aproveitando a navegabilidade do Paraguaçu para escoar produtos. A região de Coqueiros, situada próxima a Maragogipe, teve sua história moldada pela interação com o Rio Paraguaçu, uma artéria vital que impulsionou o crescimento econômico da área (Ott, 1996). Nos primeiros anos, a economia da região foi fortemente sustentada pela agropecuária, com vastas plantações e criação de gado que abasteciam tanto o consumo local quanto o comércio regional. Com o tempo, o rio se tornou uma rota essencial para o escoamento de produtos, facilitando trocas comerciais mais amplas.

Os habitantes de Coqueiros e seus arredores aproveitaram a navegabilidade do Paraguaçu para transportar mercadorias, como açúcar, tabaco e carne seca, até o litoral e para outros mercados. Além disso, o rio não só serviu como um meio de transporte, mas também como uma fonte de recursos naturais, beneficiando a pesca e a agricultura ao redor (Ott, 1996). A prosperidade da região, no entanto, não foi constante. As mudanças econômicas e sociais ao longo do tempo, como a introdução de novas rotas comerciais e tecnologias, impactaram a dinâmica de comércio fluvial. Mesmo assim, Coqueiros conseguiu manter algumas de suas tradições culturais e econômicas, tornando-se um testemunho vivo do seu passado histórico vinculado ao Paraguaçu. Hoje, a história de Coqueiros continua a ser celebrada, refletindo tanto os desafios quanto as conquistas de sua conexão com este importante rio baiano.

Coqueiros se destaca não apenas por sua história, mas também por sua encantadora atmosfera ribeirinha, que atrai visitantes em busca de lazer e sossego. Os finais de semana em Coqueiros costumam ser animados, com muitos turistas e moradores das localidades vizinhas que chegam para desfrutar da deliciosa culinária baiana, que harmoniza sabores do mar e da terra de maneira singular. Além do turismo gastronômico, Coqueiros proporciona experiências genuínas ligadas à natureza e à cultura. Suas paisagens são um convite a atividades ao ar livre, como passeios de barco pelo Rio Paraguaçu, caminhadas e momentos de relaxamento em meio

às sombras dos coqueirais que deram nome à localidade (Cordaro, 2019). Desta forma, Coqueiros se consolida como um refúgio de tranquilidade no coração do Recôncavo Baiano, preservando suas tradições enquanto se abre para novas experiências.

Nos fins de semana, a região ganha vida com a presença de turistas e moradores das áreas vizinhas, em busca de descanso e da deliciosa culinária local. A gastronomia de Coqueiros é um dos seus maiores atrativos, mesclando de forma única os sabores do mar, como peixes e frutos do mar frescos, com os da terra, oferecendo pratos que são verdadeiras obras de arte para o paladar. Além de ser um destino gastronômico, Coqueiros oferece uma imersão genuína na natureza e na cultura local. As belas paisagens convidam a atividades ao ar livre, como emocionantes passeios de barco pelo majestoso Rio Paraguaçu e relaxantes caminhadas sob a sombra dos coqueirais, que proporcionam momentos de paz e contemplação. O nome da localidade é uma homenagem a esses coqueirais que embelezam a paisagem e oferecem sombra e frescor durante os dias quentes. Coqueiros também se destaca pela preservação de suas tradições culturais, que são visíveis nas festividades e celebrações locais, proporcionando aos visitantes uma experiência autêntica do modo de vida baiano. A combinação de antigas tradições com a abertura para novas experiências faz de Coqueiros um verdadeiro refúgio de serenidade e autenticidade no coração do Recôncavo Baiano. Lugar onde se pode desconectar da rotina acelerada e se reconectar com a natureza e a cultura em sua forma mais pura (Cordaro, 2019).

A vila de Coqueiros é cercada por belas paisagens, incluindo outeiros e vegetação verdejante. A chegada à comunidade oferece uma visão deslumbrante das montanhas e do vibrante cenário natural circundante. Dentro da comunidade, destaca-se a Fazenda do Rosário, localizada ao lado de duas pequenas ilhas. Uma dessas ilhas abriga a igreja velha, enquanto a outra, chamada Almatador, foi um antigo ponto de exportação de carne. Este local é envolvido por manguezais e se encontra próximo à maré do Rio Paraguaçu.

Ao adentrar a vila, você se depara com uma antiga pedreira desativada, lembrança de um passado onde muitas famílias trabalhavam na extração de britas, matacões e grandes pedras para a construção de bases de casas. Essas atividades foram fundamentais para a manutenção da economia local por muitos anos. Atualmente, a economia de Coqueiros é diversificada e baseia-se em saberes tradicionais transmitidos pelos mais velhos. As atividades econômicas principais incluem pesca, agricultura, fabricação de saveiros, produção de louças e charutos, além de uma rica culinária. No passado, a vila foi um importante centro de transporte, utilizando embarcações como barcos e canoas para suprir a falta de estradas, facilitando o transporte aquático de mercadorias e pessoas (Cordaro, 2019).

A Vila de Coqueiro é um lugar rico em tradições culturais e saberes pedagógicos transmitidos ao longo das gerações, principalmente dos mais velhos aos mais jovens. Essas tradições estão intimamente ligadas às atividades econômicas da vila, como a pesca, a agricultura, a construção de saveiros, e a produção artesanal, especialmente de louças e charutos. Além disso, as práticas culinárias locais também desempenham um papel significativo na identidade da comunidade. Historicamente, a vila era um importante ponto de transporte aquático, essencial para a movimentação de pessoas e mercadorias, já que naquela época não existiam estradas. Barcos e canoas de feira eram os principais meios de transporte, navegando entre as águas e proporcionando um elo vital entre a vila e outras regiões. Uma das mais notáveis tradições artesanais é a fabricação de panelas de barro. Esta prática, que remonta aos povos indígenas que habitavam a área, tem sido cuidadosamente preservada e transmitida por gerações. Por mais de 80 anos, a icônica Ricardina Pereira da Silva, carinhosamente chamada de "Dona Cadu", foi uma figura central nessa tradição, perpetuando o conhecimento e as habilidades que tornam única a produção cerâmica de Coqueiros. De acordo com o relato de Dona Cadú:

Meu nome é Ricardina Pereira da Silva, mas todos me conhecem como Dona Cadú. Tenho 103 anos e, ao longo da minha vida, acumulei tantas histórias e memórias que acabei por ganhar um título especial: o de "mestre dos saberes". É engraçado recordar, mas quando vim morar na Vila Coqueiro, tinha apenas 22 anos. Em meus primeiros anos aqui, as casas eram todas de taipa. Lembro bem de como sofriam com as enchentes do rio Paraguassú. Esse mesmo rio, em 1962, levou minha casa. É uma lembrança dolorosa, mas parte de quem eu sou. A última grande enchente que trouxe destruição foi em 1989. Espero que seja, de fato, a última. Para chegar à Vila Coqueiro, tínhamos um caminho: passávamos pela frente da Igreja Velha, situada na Fazenda do Rosário, ao lado de Coqueiros. Era preciso subir a ladeira, atravessar pelas portas da Igreja e depois descer até a ponte. Só assim conseguíamos entrar na comunidade (Ricardina Pereira da Silva, 2023).

Dona Cadu, aos 20 anos, encontrou em Manuel Conceição dos Santos, conhecido como Neca, um companheiro para a vida. Após quatro décadas de convivência, decidiram oficializar sua união e ela se mudou para Coqueiro, um distrito de Maragogipe na Bahia, bem próximo da fazenda Pilar, seu local de nascimento em São Félix.

Em Coqueiro, ela encontrou uma comunidade de mulheres dedicadas à produção de cerâmica utilitária, uma habilidade que fluía em harmonia com as tradições do local. Integrar-se ao grupo de ceramistas foi um processo natural e sem esforço para Dona Cadu, que rapidamente dominou as práticas de produção das louças regionais. Essas técnicas, segundo relatos, foram transmitidas pelos povos indígenas que habitaram as proximidades. Do quintal de sua casa, era possível ver terras onde, ao se escavar em busca de barro, encontravam-se

fragmentos de antigas cerâmicas. Apesar de este local não ter sido formalmente estudado, sua história sugere um legado indígena significativo ainda presente na cultura do Recôncavo Baiano. Essa área, repleta de vestígios culturais, ainda permanece pouco estudada, destacando a falta de interesse em explorar as influências indígenas na formação das tradições locais. A história vivida por Dona Cadu evidencia como estas influências continuam a ser uma parte vibrante e vital do cotidiano, preservando práticas ancestrais através das mãos das ceramistas, que, como ela, moldam não apenas o barro, mas também a memória cultural da região.

A entrevista com Dona Cadú, oficialmente conhecida como Ricardina Pereira da Silva, revela uma narrativa rica e cheia de história, construída ao longo de seus 103 anos de vida. Ela simboliza uma conexão viva com o passado, funcionando como uma testemunha direta das transformações geográficas e sociais de Vila Coqueiro. Sua referência ao título de "mestre dos saberes" denota a profundidade de suas experiências e conhecimentos acumulados, sugerindo um papel de liderança e respeito dentro de sua comunidade.

Dona Cadú descreve um cenário histórico e cotidiano marcado por desafios naturais, como as enchentes do rio Paraguassú. Sua experiência pessoal com a destruição de sua casa em 1962 enfatiza a vulnerabilidade das comunidades frente às forças da natureza, enquanto a lembrança da enchente de 1989 reforça a esperança de que a história não se repita. Esses eventos não apenas moldaram o ambiente físico da Vila, mas também a resiliência e a adaptabilidade de seus habitantes.

Além disso, a descrição do caminho para a Vila Coqueiro, passando pela Igreja Velha e pela Fazenda do Rosário, oferece uma visão sobre a estrutura social e geográfica da época. Essa narrativa não apenas reconta o cotidiano, mas também preserva a memória dos vínculos humanos com o espaço, acentuando a importância dos lugares de encontro comunitário na construção da identidade coletiva.

Dona Cadú, com suas memórias detalhadas, oferece à sua comunidade e às gerações futuras uma ponte para o passado, vital para a compreensão e manutenção da identidade cultural local. Através de suas histórias, ela ajuda a manter viva a tradição oral e o patrimônio imaterial de Vila Coqueiro, desempenhando um papel crucial na preservação da história regional.

A cerâmica não é apenas um legado cultural, mas também uma fonte vital de sustento para os moradores da vila. A habilidade e o cuidado na fabricação de cerâmica foram tão bem transmitidos que se tornaram uma das principais formas de subsistência para o povo coqueirense. Mesmo após o falecimento de Dona Cadu, seu legado continua a inspirar e guiar as novas gerações que mantêm viva essa arte única. A vida na vila está intrinsecamente ligada à cerâmica, que não é apenas um meio de subsistência, mas também uma expressão de

identidade cultural.

Os coqueirenses encontram na argila uma forma de contar suas histórias e tradições, perpetuando valores que atravessam gerações. A arte ceramista da vila é reconhecida pela sua singularidade, dadas as técnicas ancestrais que ainda são praticadas. Os jovens aprendem desde cedo a moldar o barro com destreza e paciência, recebendo ensinamentos passados por gerações. Esse aprendizado não é apenas técnico, mas também carrega lições de perseverança e amor pelo ofício. Como resultado, cada peça de cerâmica produzida carrega um pedaço da alma da comunidade, refletindo seus sonhos, alegrias e desafios. Além disso, essa atividade artesanal tem um impacto econômico significativo para a vila. A venda dos produtos cerâmicos em mercados locais e regionais ajuda a garantir a sustentabilidade financeira das famílias envolvidas. Assim, a cerâmica se torna um pilar que sustenta a economia local, permitindo que os moradores permaneçam enraizados em suas terras e tradições.

A memória de Dona Cadu é uma força motriz, servindo de inspiração constante. Ela não apenas aperfeiçoou técnicas, mas também fortaleceu laços comunitários ao promover um senso de unidade em torno da cerâmica. Sua dedicação e paixão são lembradas em cada novo artista que surge na vila, perpetuando um ciclo de aprendizagem e criatividade. Dona Cadu, uma verdadeira matriarca da cerâmica, deixou um legado que transcende a própria arte. Sua habilidade inata para moldar o barro era apenas uma faceta de seu impacto. Ao longo dos anos, ela se tornou um pilar da comunidade, usando a cerâmica como uma forma de unir as pessoas. Organizando workshops comunitários e encontros, ela criou espaços onde jovens e idosos partilhavam não apenas técnicas artesanais, mas também histórias e saberes de vida. A prática artística que ensinava era tão profunda quanto as relações que fomentava; cada peça criada sob sua orientação carregava um pedaço da história coletiva da vila.

Os artistas emergentes encontram inspiração na dedicação de Dona Cadu, não apenas procurando replicar suas técnicas, mas também abraçando seu conceito de comunidade. As aulas continuam a ecoar sua filosofia: a cerâmica não é apenas sobre criação individual, mas também uma linguagem de conexão e coesão social. Esse espírito colaborativo que ela nutria permanece vivo, garantindo que cada novo design ou técnica desenvolvida seja também uma homenagem à união que promovia. Através deste ciclo interminável de aprendizado e criatividade, a memória de Dona Cadu se perpetua. Seu legado é visível não só nas peças moldadas, mas nas amizades forjadas e nas comunidades ressurgentes. Sua vida é um testemunho de como a arte, quando enraizada em valores de amor e solidariedade, pode durar gerações, moldando não só o barro, mas a própria essência da convivência humana. Portanto, a cerâmica na vila do Coqueiro não é apenas uma prática econômica, mas uma arte viva que pulsa

com o coração de seu povo. É uma forma de resistência cultural e celebração da vida comunitária, garantindo que a essência da vila continue florescendo através das mãos hábeis de seus artesãos.

Além das atividades econômicas e culturais, a vila de Coqueiro destaca-se, sobretudo, por seus sítios históricos. A capela de Nossa Senhora do Rosário, que remonta ao século XVIII, é um exemplo significativo dessa riqueza histórica. A Capela de Nossa Senhora do Rosário, é uma testemunha da rica herança histórica de Coqueiro. Este monumento não só eleva o patrimônio histórico da vila, mas também serve como um núcleo cultural e religioso vital para seus moradores. Representando uma ligação íntima com o passado, a capela é um espaço de celebração e memória coletiva. Para a comunidade local, a capela é um ícone de identidade e tradição, consolidando um sentido de pertencimento e continuidade.

Além de sua importância religiosa, a capela desempenha um papel vital no estímulo ao turismo. Sua arquitetura carregada de história e significado atrai visitantes que buscam explorar a riqueza cultural da região. Estes sítios históricos são fundamentais não apenas para manter vivas as tradições culturais, mas também para preservar a memória coletiva. Assim, a Capela de Nossa Senhora do Rosário, juntamente com outros marcos históricos, ajuda a garantir que essas tradições e histórias continuem a ser transmitidas às gerações futuras, fortalecendo o tecido social e cultural da vila. Esta capela não apenas acrescenta valor ao patrimônio histórico da vila, mas também serve como um importante ponto de referência cultural e religiosa para seus moradores. Ela representa um elo com o passado, sendo um local de celebração e memória para a comunidade de Coqueiro, que encontra na capela um símbolo de sua identidade e tradição. O papel desses sítios vai além do aspecto religioso, pois também fomentam o turismo local, atraindo visitantes interessados na rica história e cultura da região. Assim, a capela e outros sítios históricos contribuem para a preservação da memória coletiva e para a continuidade das tradições.

O Rio Paraguaçu foi vital para Coqueiros, uma vez que facilitava o escoamento de produtos agrícolas, como açúcar e tabaco. Ao longo dos anos, a economia local adaptou-se às mudanças tecnológicas, mas sempre manteve laços profundos com seu passado fluvial. As festas e celebrações da vila refletem essa rica história, oferecendo aos visitantes uma experiência autêntica no coração do Recôncavo Baiano. Adentrando Coqueiros, a paisagem é dominada por exuberantes coqueirais e vegetação verdejante, convidando a passeios ao ar livre e momentos de contemplação. Um ponto central da comunidade é a Fazenda do Rosário, cercada por ilhas e manguezais próximos à maré do Paraguaçu.

A vila também abriga uma antiga pedreira, testemunho de tempos em que a extração de

pedras sustentava muitas famílias. A economia de Coqueiros é variada, com destaque para a pesca, agricultura, e produção artesanal, como cerâmica e charutos. Uma tradição marcante é a fabricação de painéis de barro, intensamente ligada à cultura local graças à disseminação de conhecimentos por figuras emblemáticas como Dona Cadu. Esta arte não só sustenta a comunidade financeiramente, mas também fortalece os laços culturais, já que os jovens aprendem a moldar o barro e preservar técnicas ancestrais.

Dona Cadu, que durante mais de 80 anos perpetuou a cerâmica em Coqueiros, deixou um legado que inspira novas gerações. Sua capacidade de unir as pessoas em torno da prática artesanal ensina valores de perseverança e comunidade. As peças de cerâmica produzidas na vila são vistas como uma extensão viva de sua rica história, carregando em cada criação uma parte da identidade coqueirense. Além da cerâmica, a vila é rica em sítios históricos como a Capela de Nossa Senhora do Rosário, datada do século XVIII.

Este monumento não só é vital para o patrimônio religioso e cultural de Coqueiros, mas também atrai turistas interessados na herança histórica da região. A presença da capela fortalece o tecido social ao servir como um símbolo de continuidade e pertencimento para seus moradores. Portanto, Coqueiros é muito mais do que uma vila pacata; é um lugar onde a história se entrelaça com o presente, através de suas paisagens, tradições culturais e herança artesanal. A vila é um testemunho da resiliência e riqueza cultural que continua a inspirar e unir seus habitantes e visitantes.

Em suma, Coqueiros não é apenas um reflexo de seu passado histórico, mas um exemplo vivo de como uma comunidade pode se adaptar e prosperar ao longo do tempo. Através do aproveitamento do Rio Paraguaçu, a vila construiu uma herança rica que se manifesta tanto nas suas atividades econômicas, como a cerâmica, quanto nas suas celebrações culturais. A figura de Dona Cadu simboliza a passagem de conhecimento e a importância da tradição para a identidade local, servindo de inspiração contínua para as novas gerações. O equilíbrio entre a preservação das tradições e a abertura a novas experiências posiciona Coqueiros como um verdadeiro refúgio cultural, onde cada paisagem e cada prática artesanal contam uma história de resiliência. A Capela de Nossa Senhora do Rosário, como guardiã das memórias locais, reforça o elo da comunidade com sua rica herança, atraindo visitantes que buscam não apenas belas paisagens, mas mergulhar em uma experiência verdadeiramente autêntica. Coqueiros, com sua combinação singular de tradição e modernidade, persiste como um símbolo de identidade e resistência no coração do Recôncavo Baiano.

6 MEMÓRIAS, HISTÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES DA VILA COQUEIROS AO LONGO DOS ANOS

Seu Valdecé Sena, nascido em 1953, compartilha memórias de uma Vila Coqueiros movimentada e próspera em sua infância. Há mais de 60 anos, essa vila vibrava com inúmeros armazéns, açougues e um comércio vigoroso. O mercado municipal de farinha estava em seu auge, e o porto, que hoje abriga uma pousada, abrigava um barracão para estocar as farinhas colhidas na margem do Rio Paraguaçu. Os saveiros, conhecidos como barcos de feira, transportavam mercadorias para a feira Água de Menino, atual São Joaquim, em Salvador:

Meu nome é Valdecé Sena e sou um dos moradores mais antigos da Vila Coqueiros. Nascido em 1º de outubro de 1953, vi essa vila se transformar ao longo das décadas. Lembro-me claramente de como era a vida aqui há mais de 60 anos. Naquela época, a vila era um verdadeiro comércio, cheia de armazéns e açougues. O mercado municipal de farinha era um ponto central, enquanto, em Rogério, tínhamos o mercado que era essencial para a comunidade. No porto, onde hoje existe uma pousada, havia um grande barracão para armazenar farinha, bem ao lado do Rio Paraguaçu. Os saveiros, conhecidos como barcos de feira, eram fundamentais. Era pelas águas que levávamos nossas mercadorias até a feira Água de Menino, hoje conhecida como São Joaquim, na capital Salvador. Navegávamos pelo Bió, uma corrente que marca a divisa com Nagé. Naquele tempo, o porto de Coqueiros recebia navios com frequência. Visitantes vinham e iam, alimentando o comércio local. Tínhamos a loja de Francisco Nunes que vendia de tudo, desde roupas até materiais de construção. Havia também a funerária que atendia nossa comunidade, embora hoje tudo isso não exista mais. Os armazéns de Caçula Bastos, o Ioiô Batateiro, onde lavávamos batatas-doces para venda, e o armazém de Benedito Ribeiro, todos faziam parte do cotidiano. O armazinho de Lurdes de Filó e o açougue de Raimundo da Praia eram pontos frequentes de encontro. A vila naquela época tinha muita vegetação. Não tínhamos estradas; para ir à cidade de Cachoeira, dependíamos de canoas. As trilhas eram estreitas, permitindo a passagem de apenas uma pessoa por vez. Caminhar pela vegetação era o nosso cotidiano, e assim, aos poucos, a Vila Coqueiros foi deixando suas marcas na história (Valdecé Sena, 2024).

A análise da entrevista de Valdecé Sena sobre a Vila Coqueiros revela uma transformação econômica, cultural e social ao longo das décadas. A Vila Coqueiros, descrita por Valdecé, era um centro comercial autossuficiente, centrado no comércio de farinha e em estabelecimentos essenciais à comunidade, como armazéns, açougues e a loja de Francisco Nunes. Este ambiente reflete uma época em que a economia local era regida por atividades comerciais tradicionais, ligadas à agricultura e ao comércio de mercadorias por vias fluviais.

Na época que Valdecé descreve, a economia local estava intimamente ligada à agricultura e ao transporte fluvial de mercadorias, o que refletia um modo de vida onde as pessoas dependiam fortemente dos recursos disponíveis nas proximidades e do comércio direto entre produtores e consumidores. Ao longo das décadas, porém, a situação na Vila Coqueiros

mudou, à medida que influências externas e o desenvolvimento moderno começaram a fazer sentir seu impacto. As redes de transporte se expandiram, e o acesso a mercados mais amplos possivelmente reduziu a dependência das práticas comerciais locais. Além disso, a transformação econômica trouxe mudanças culturais e sociais significativas.

Com o tempo, a comunidade deve ter experimentado uma diversificação de seu perfil econômico e cultural, espelhando uma sociedade cada vez mais conectada globalmente. A mudança nas práticas comerciais pode ter levado também a um realinhamento das funções sociais e das interações dentro da vila. Onde antes havia um forte senso de comunidade e interdependência, pode ter surgido uma dinâmica diferente conforme novos fluxos de bens e pessoas se integravam ao tecido social. O relato de Valdecé destaca tanto a resiliência quanto a adaptabilidade da Vila Coqueiros em preservar sua identidade, enquanto navegava por um panorama em constante mudança.

A presença de saveiros, ou barcos de feira, destaca a importância das vias aquáticas como principal meio de transporte e comunicação. Isso demonstra um modo de vida intrinsecamente ligado ao meio natural, no qual o rio não apenas era uma fonte de vida, mas também um vetor de conexão com mercados maiores, como o de Água de Menino, atualmente São Joaquim, em Salvador.

A vila representava uma rede de interações sociais em espaços comuns, como armazéns e açougues, que funcionavam como locais de encontro e negociação. A existência desses espaços destaca a importância das relações comunitárias e das interações pessoais na economia local. A memória de locais e pessoas específicas, como o armazinho de Lurdes de Filó e o açougue de Raimundo da Praia, indica uma comunidade identificada por seus membros e atividades cotidianas.

Socialmente, Valdecé descreve uma vila ainda não influenciada pelo desenvolvimento industrial, com sua vegetação rica e a ausência de estradas. O modo de vida era comunitário e cooperativo, evidenciado pelo uso de canoas para deslocamento e pela vivência coletiva em um ambiente de vegetação densa. Esta descrição reflete um estilo de vida mais sustentável e em harmonia com o meio ambiente.

Com o tempo, as mudanças estruturais na Vila Coqueiros – como a perda dos armazéns, o declínio do porto e a substituição de atividades comerciais locais por outras conveniências urbanas – sinalizam um shift na economia e na vida social. A partir da década de 1950 se instalou período desafiador para o Recôncavo Baiano. A região, que outrora teve destaque econômico, enfrentava severos problemas de infraestrutura. As estradas eram escassas e mal mantidas, o que limitava significativamente o fluxo de pessoas e bens (Risério, 2004). A

comunicação também sofria, com poucas alternativas rápidas e seguras para conectar as cidades locais e o resto do país. Nesse cenário, o transporte marítimo se destacava como a principal via de movimentação, sendo realizado principalmente por meio de navios e saveiros que cruzavam as águas da Baía de Todos os Santos.

O setor açucareiro, um dos pilares econômicos da região, estava em franco declínio. O declínio do setor açucareiro no Recôncavo Baiano ilustra uma transição econômica e social significativa para a região. Tradicionalmente, a produção de açúcar era a espinha dorsal da economia local, estimulando o emprego e gerando riqueza. No entanto, a modernização e a diversificação das atividades econômicas em outras áreas da Bahia, principalmente em Salvador, destacaram ainda mais o impacto negativo do declínio açucareiro (Azevedo, 1998).

A diminuição na demanda global por açúcar, aliada a práticas agrícolas menos competitivas e à dificuldade em modernizar as usinas, agravou ainda mais a situação no Recôncavo. Muitos trabalhadores que dependiam da safra do açúcar para seu sustento agora enfrentam o desemprego e a migração para áreas urbanas em busca de oportunidades melhores. Essa migração, por sua vez, contribui para o crescimento desordenado das cidades, mas também abre portas para a renovação econômica e a adaptação a novos mercados. A diminuição na produção das usinas impactava não apenas a economia local, mas também a vida das pessoas que dependiam direta ou indiretamente dessa indústria. O Recôncavo, que tempos atrás vibrava com a produção e o comércio do açúcar, agora se via afastado das transformações que a Bahia experimentava, especialmente o crescimento urbano e industrial em Salvador (Pedrão, 1998).

A chegada da Petrobrás, no entanto, significou um ponto de inflexão para a região. Com a descoberta e exploração de petróleo na Bahia, a empresa trouxe investimentos significativos, modernização e uma nova perspectiva econômica. A infraestrutura local começou a ser desenvolvida, com a melhoria das estradas, redes de comunicação, e um aumento das oportunidades de emprego. A presença da Petrobrás atraiu também novos habitantes e negócios, reanimando a economia local e integrando o Recôncavo aos movimentos de modernização que estavam ocorrendo no país. Essa transformação não apenas diversificou a base econômica, mas também revitalizou a região, trazendo desenvolvimento e novas esperanças para seus habitantes (Azevedo, 1998). Essa transição pode ser vista como um microcosmo de transformações que muitas comunidades tradicionais enfrentam, à medida que forças externas, como desenvolvimento econômico, urbanização e globalização, alteram seus modos de subsistência e identidade cultural. A narrativa de Valdecé Sena é um testemunho da transformação cultural e social de uma comunidade que, apesar das mudanças, mantém viva sua história e identidade através das memórias de seus habitantes mais antigos.

O relato de Juracir Pereira dos Santos oferece uma visão fascinante e emocionalmente rica sobre as transformações e a história de Vila Coqueiros. Ao descrever sua jornada desde a Fazenda Pilar até a Fazenda do Rosário, onde estabeleceu sua família e trabalhou como lavrador, ele nos transporta para um tempo em que as estradas eram inexistentes e as pessoas se moviam através de trilhas estreitas, cercadas por manguezais e vegetação cerrada. Este era um mundo onde a própria natureza ditava o ritmo da vida. De acordo com narrativa do senhor Juracir Pereira dos Santos:

Meu nome é Juracir Pereira dos Santos. Nasci no dia 9 de junho de 1953. Aos 20 anos, saí da Fazenda Pilar e rumei para a Fazenda do Rosário, onde estabeleci minhas raízes. Trabalhava de ganho por lá, como lavrador, quando conheci a Vila Coqueiros pela primeira vez. Naqueles tempos, Vila Coqueiros não era como é hoje. Para se chegar lá, tínhamos que atravessar a Fazenda do Rosário, passando por um caminho esculpido sob uma pedreira. Era preciso ter coragem, já que não existiam estradas seguras. No percurso, passávamos pela frente da Igreja Velha, um lugar envolto em mistério e memórias. Meus pais contavam que a Igreja Velha foi um porto seguro para muitos refugiados escravos. Eles descreviam como, dentro de suas paredes, ressoavam batuques fervorosos e espiritualidade palpável. As imagens negras que adornavam a igreja contavam histórias de resistência e fé. Diz-se que dois padres viviam ali, até que uma tragédia manchou suas paredes de silêncio e segredo. Um padre matou o outro e enterrou-o ali mesmo, segundo a lenda local. Após esses eventos, a igreja foi abandonada e saqueada, até que a estrutura não suportando mais o tempo, caiu. O único relicário sobrevivente, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, foi salva e transferida para a Capela de Nossa Senhora da Conceição, no coração da Vila Coqueiros. O caminho para Vila Coqueiros era tão estreito que apenas uma pessoa passava de cada vez, serpenteando pelos manguezais e uma pequena ilha. Os índios habitavam a região, mas suas presenças eram esquivas, escondidas pelas sombras da floresta. Pouca gente os via, mas havia sempre sinais de sua existência. Com o tempo, a área foi desmatada para dar lugar a novas casas. Os índios foram perdendo espaço e, gradualmente, desapareceram da nossa paisagem, levando consigo suas histórias e tradições. Ficaram apenas as recordações dos mais velhos, que como eu, carregam a responsabilidade de manter viva essa narrativa silenciada pelo tempo. É essa memória que guardo e compartilho, para que nunca se perca a alma da vila e suas histórias.

A entrevista com Juracir Pereira dos Santos serve como uma janela para o passado cultural e histórico da Vila Coqueiros e das suas redondezas. Nela, percebemos uma forte ligação entre a vida do entrevistado e a complexidade do cenário em que vivia, moldado por deslocamentos geográficos, herança cultural e transformações sociais. Juracir descreve seu movimento dos 20 anos, saindo da Fazenda Pilar em direção à Fazenda do Rosário, como um marco em sua vida, onde firmou suas raízes. Este deslocamento simboliza uma transição pessoal, mas também reflete as movimentações comuns de trabalhadores rurais daquela época, em busca de oportunidades e melhores condições.

O caminho até a Vila Coqueiros era desafiador e perigoso, esculpido através de uma pedreira e cercado por lendas da Igreja Velha. Esta igreja é um símbolo de resistência e espiritualidade, especialmente para os refugiados escravos que ali encontraram abrigo espiritual

e físico. A narrativa de Juracir faz uma ponte entre histórias locais e questões maiores de resistência e superação enfrentadas por afrodescendentes no Brasil. A tragédia envolvendo os dois padres adiciona um elemento de mistério e tragédia à história, amplificando o caráter quase mítico do local.

A figura de Nossa Senhora do Rosário emerge como um elo entre o passado da igreja e o presente da Vila Coqueiros, simbolizando continuidade espiritual e cultural. A migração da imagem de um lugar de história trovadoresca para o centro da vila moderna representa tanto a perda quanto a preservação de tradições sagradas. O desaparecimento gradual dos indígenas da área, após desmatamento e expansão das moradias, reflete a complexa inter-relação entre desenvolvimento e erosão cultural. Juracir menciona como os índios eram seres retirados de suas terras, descritos como figuras espreitadoras à margem da paisagem. Isso ressalta a invisibilização das culturas indígenas, um fenômeno frequente em muitos lugares no Brasil. Juracir, como um dos poucos que carregam essas memórias, se vê como guardião de uma narrativa que luta para não sucumbir ao esquecimento.

A entrevista é mais do que uma simples história pessoal; ela é uma crônica da transformação de um espaço geográfico e cultural específico. Através de suas palavras, Juracir nos lembra da importância de preservar essas histórias, que são vitais para manter a identidade e a alma de lugares como Vila Coqueiros. A análise da entrevista a partir da metodologia de histórias de vida busca desvendar a complexidade das experiências pessoais dentro de um contexto mais amplo, revelando como a trajetória de um indivíduo se entrelaça com a história e a cultura de um lugar.

No âmbito da metodologia de histórias de vida, a relação de Juracir com a Vila Coqueiros não é simplesmente uma lembrança pessoal; ela personifica a luta pela preservação cultural e identidade regional. Ao transmitir suas memórias, ele cumpre um papel crucial em manter viva a história da vila, evidenciando como vidas individuais e histórias comunitárias se entrelaçam profundamente. Portanto, através do relato de Juracir, compreendemos que histórias de vida não são apenas narrativas pessoais, mas pontes que conectam gerações, culturas e espaços geográficos, tecendo uma tapeçaria rica e complexa da experiência humana frente à passagem do tempo e às transformações sociais.

As memórias e transformações da Vila Coqueiros, à luz dos relatos vívidos de Valdecé Sena e Juracir Pereira dos Santos, sublinham a complexidade de um território que, ao longo das décadas, mudou econômica, cultural e socialmente. Estas histórias pessoais revelam como a vila foi (re)construída por intervenções externas – desde declínios econômicos até modernizações impulsionadas pela chegada da Petrobrás – que remodelaram sua economia de

subsistência centrada na agricultura e no comércio fluvial para uma economia modernizada e mais diversificada.

Por fim, ao transmitirem suas histórias, esses narradores não só perpetuam memórias vitais para a identidade da Vila Coqueiros como nos oferecem uma lente através da qual podemos entender as forças de mudança que impactam comunidades em todo o mundo. A preservação dessas histórias pessoais é crucial para manter viva a identidade regional, ressaltando a relação simbiótica entre transformação e memória cultural.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo destacam a importância fundamental da revitalização das narrativas orais em comunidades como a Vila de Coqueiros. O resgate dessas histórias fortalece a identidade coletiva e o elo entre gerações. Através de entrevistas e iniciativas educacionais, observou-se a construção de um espaço de valorização e empoderamento dos idosos, reconhecendo sua posição como guardiões do conhecimento histórico e cultural. No decorrer da pesquisa, foram evidenciados os desafios enfrentados pela comunidade, como a modernização e a globalização, que ameaçam essas tradições. No entanto, a implementação de metodologias participativas demonstrou ser uma estratégia eficaz para integrar os jovens ao processo de preservação cultural, assegurando a continuidade das práticas históricas. A colaboração intergeracional se mostrou extremamente valiosa, visto que ela promoveu o fortalecimento dos laços sociais através do compartilhamento de histórias e experiências. Além disso, este estudo reafirma que o registro e a documentação dessas narrativas são cruciais para que a comunidade articule suas demandas e proteja sua herança cultural. As histórias coletivas possuem o poder de reivindicar direitos e facilitar o reconhecimento formal da identidade quilombola, promovendo a justiça social e o acesso a políticas públicas específicas.

Ademais, o registro e a documentação dessas narrativas são essenciais para que a comunidade articule suas demandas e proteja seu patrimônio cultural. As histórias coletivas têm o poder de reivindicar direitos e facilitar o reconhecimento formal da identidade quilombola, promovendo justiça social e acesso a políticas públicas específicas. Destaca-se ainda a necessidade de apoio contínuo para iniciativas culturais comunitárias que preservem o patrimônio imaterial, promovendo a dignidade e o reconhecimento dos saberes ancestrais. A Vila de Coqueiros, com suas histórias e tradições únicas, não apenas oferece um vislumbre do

passado, mas também um caminho para o futuro que honra suas raízes e celebra sua diversidade cultural. Esses esforços de revitalização não só preservam a história local, mas também fortalecem a coesão comunitária, assegurando que as vozes do passado continuem a ressoar nas gerações futuras.

Por fim, ressalta-se a necessidade de apoio contínuo para iniciativas culturais comunitárias que permitam não apenas a preservação do patrimônio imaterial, mas também a promoção da dignidade e do reconhecimento dos saberes ancestrais. A Vila de Coqueiros, com suas histórias e tradições únicas, oferece não só um vislumbre do passado, mas um caminho para o futuro que honra suas raízes e celebra sua diversidade cultura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Henrique de. **A manufatura do fumo na Bahia**. 1983. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1983.
- ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida. **Memória topográfica, histórica e comercial da Vila da Cachoeira da Província da Bahia**. v. 25. Rio de Janeiro: IGHB, 1862.
- AZEVEDO, Thales. O advento da Petrobrás no Recôncavo. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio/Coordenação de Fomento ao Turismo. **Inventário de proteção do acervo cultural - IPAC: monumentos e sítios do Recôncavo**. Salvador: Secretaria da Indústria e Comércio, 1982. [II parte, v. 3].
- BAHIA. Conselho de Desenvolvimento do Recôncavo (BA). **CLAN: Plano de turismo do Recôncavo: resumo**. Salvador: CONDER, 1982.
- BARICKMAN, B. J. **Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. **A dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. 2. ed. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

CORDARO, Rosângela. **Dona Cadú**: oralidade, memórias e saberes centenários. Cachoeira, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. *In*: O SABER local. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIDDENS, Antony. **O mundo na era da globalização**. Tradução do inglês por Saul Barata. Lisboa: Presença, 1999.

HALL, Stuart. Guaracira Lopes Louro (trad.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2022.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Marina. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial**: lavoura, comércio e administração. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NOVA ERA. Maragogipe, ano 8, n. 373, 374, 398, 1897.

NOVA ERA. Santos e festas de santos na Bahia. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/Conselho Estadual de Cultura, 2005.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: NORA, Pierre (dir.). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. v. 1, p. 7-15. Tradução disponível em: Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-26, dez. 1993.

OTT, Carlos. **O povoamento do Recôncavo Baiano pelos engenhos**. Salvador: Bigraf, 1996.

PARANHOS, José. **Filarmônica Terpsícore Popular**: sua vida sua história. Maragogipe-BA, 1975.

PANG, Eul-Soo. **O engenho central do Bom Jardim na economia baiana**: alguns aspectos de sua história (1875-1891). Rio de Janeiro: Ministério da Justiça; Arquivo Nacional; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1979.

PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novos personagens. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. p. 219-239.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **A Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro**. Bahia, 1978. [Edição comemorativa do bi-centenário].

PINHO, Wanderley. **História de um engenho do Recôncavo**: Matoim, Caboto, Freguesia, 1552-1944. São Paulo: Nacional; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1982.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARAGOGIPE. Secretaria de Desenvolvimento Social. **Cadastro do Bolsa Família**, 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SILVA, Claudilene. **Professoras negras**: identidade e prática de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Editora Universitária UFPE.

SOUZA, Guaraci Adeodato Alves de. **População do Recôncavo Baiano**. Salvador: Centro de Recursos Humanos - UFBA, 1976.